DISCURSO CÍVICO PARA A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

Administradores, professores, alunos e membros da nossa comunidade, que aqui nos reunimos nesta manhã de 7 de setembro, para comemorar os 160 anos de nossa Independência.

Neste dia, de profunda significação para a Pátria Brasileira, de leste a oeste, dos pampas gaúchos até a região exuberante da Amazônia, o Brasil gigante se rejubila com o passo cadenciado do desfile de seus estudantes, este apanágio glorioso da pátria; e dos seus soldados, estes intrépidos defensores dos nossos direitos políticos, conquistados pela independência.

Para boa compreensão do acontecimento de sete de setembro de 1822, devemos reportar-nos a vários incidentes anteriores, que prepararam o ambiente para esta grande data. As batalhas de Guararapes, em Pernambuco, nada mais foram do que o desejo de libertar a Pátria do domínio holandês.

Outra acentuada manifestação de nossa independência encontramos no distante 1641, entre paulistas, quando quiseram tornar rei Amador Bueno da Ribeira.

Moços brasileiros, estudantes na Europa, impulsionados pelas idéias da liberdade e entusiasmados pela independência dos Estados Unidos, idealizaram também a independência para o Brasil. Voltando à Pátria deram apoio e incentivo à Inconfidência Mineira, que pode ser definida como um movimento conspiratório para libertar nossa Pátria do despotismo português.

Esta insurreição, teve como causa principal, o descontentamento nascido pela forma arbitrária com que Portugal explorava as nossas minas.

A bandeira por eles idealizada tinha como emblema aquela frase latina muito nossa conhecida – "Libertas quae sera tamen" – Liberdade ainda que tardia. Esta frase para eles e também para nós é uma síntese luminosa do desejo da independência.

O movimento foi frustrado, porque surgiram três delatores, sendo o mais conhecido Joaquim Silvério dos Reis.

Alguns se acovardaram, retrataram-se, pediram clemência, mas como Tiradentes se mostrou corajoso, foi enforcado no dia 21 de abril de 1792.

Ele foi o primeiro grande herói da Libertação Nacional, por isso é conhecido como o "Protomártir" da nossa independência.

A volta de D. João VI a Portugal, em março de 1821, precipitou os acontecimentos para a nossa independência. Antes de embarcar D. João VI deu a D. Pedro I o seguinte conselho: "Se o Brasil vier a se separar de Portugal, coloque a Coroa sobre sua própria cabeça, antes que algum aventureiro lance mão dela".

Logo vêm ordens de Lisboa para que D. Pedro regresse a Portugal. Pedidos e mais pedidos de brasileiros lhe são enviados, para que ele desobedeça às ordens lusitanas e continue em nossa terra.

No dia 9 de Janeiro de 1822, uma verdadeira massa popular acorreu ao Senado, para unir-se a comissão encarregada de entregar a D. Pedro, uma lista com milhares de assinaturas, rogando-lhe que permanecesse no Brasil.

Após ser feita a leitura do pedido por José Clemente Pereira, D. Pedro respondeu: "Como é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, estou pronto: diga ao povo que fico".

"O Dia do Fico" foi um marco decisivo para a nossa independência.

Após o Dia do "Fico", derrotou as tropas de Jorge Avilez e consolidou-se na regência do país.

Posteriormente, ao organizar-se o gabinete do qual fazia parte José Bonifácio, foi outorgado a D. Pedro o título de "Defensor Perpétuo do Brasil".

José Bonifácio torna-se a figura de maior destaque, objetivando a nossa libertação do jugo português. O Patriarca da Independência, conseguiu de D. Pedro um decreto, determinando que nenhuma lei elaborada em Lisboa fosse executada no Brasil sem a aprovação do regente.

O episódio culminante para a nossa independência ocorreu em S. Paulo, às margens do riacho Ipiranga, aproximadamente às 16:00 horas, quando D. Pedro e sua comitiva regressavam de Santos.

Ao receber cartas de Portugal com decretos arrogantes e provocadores, humilhando-o chamavam-no de rapazinho; concluiu que chegara o momento preciso de tomar uma decisão.

Ruborizado, amarrota os papéis, atira-os ao chão, volta-se para a guarda que estava pouco adiante e exclama.

"Laços fora soldados!" Todos arrancam os laços portugueses de seus uniformes. D. Pedro, solene prossegue: "Camaradas! As cortes de Lisboa querem mesmo escravizar o Brasil; cumpre, portanto, declarar já sua independência. Estamos definitivamente separados de Portugal".

Todos os liderados responderam com uma eloqüente frase: Viva a liberdade e a independência do Brasil.

Entusiasmado com este apoio, agitando a luzente espada, solenemente, gritou as tradicionais palavras: "Independência ou morte! – seja a nossa divisa de hoje em diante."

Relata-nos a história, que naquela mesma noite, D. Pedro I entrou no teatro da cidade de S. Paulo para assistir a uma apresentação. A notícia do "Grito do Ipiranga" já se espalhara entre os habitantes da cidade, por isso ele foi recebido como um herói nacional. Um grupo de homens e mulheres entoaram com todo o entusiasmo o hino da independência, composto pelo próprio D. Pedro. Calorosas ovações e aplausos ecoaram, saudando a intrepidez daquele homem que ousara enfrentar a tirania das cortes portuguesas. Nesse ínterim, o Padre Ildefonso Xavier, levantando-se da poltrona e apontando na direção de D. Pedro, gritou por três vezes: "Viva o primeiro rei do Brasil!" Sim, esta frase era a confirmação do brado – "Independência ou Morte!", que se ouvira às margens do Ipiranga naquela tarde.

A frase escolhida para as comemorações da Semana da Pátria deste ano declara: "A Independência do Brasil é o resultado do esforço dos seus cidadãos".

Muitas vezes ouvimos dos lábios de nossos homens públicos esta expressão: Somos independentes!; pronunciada mais por influências emocionais, do que o resultado de um frio amadurecimento intelectual e racional. Mas onde está aquela expressiva mentalidade cívica, esperada de cada brasileiro, que devia trabalhar com idealismo para o progresso da Pátria, e para a independência econômica e cultural de cada um de nossos patrícios. Se fôssemos verdadeiramente independentes, não veríamos milhares e milhares de crianças morrendo de fome, num país de tantos recursos e possibilidades.

Muitos afirmam: Somos independentes! Nas não possuem aquele espírito de laboriosidade, que deve impulsionar todo verdadeiro patriota a trabalhar pelo engrandecimento do Brasil, para que atinjamos uma posição privilegiada no cenário das nações. Somos independentes! Mas onde se encontra a libertação total da ignorância responsável pelas inúmeras superstições do nosso povo, pelos preconceitos de toda a espécie, que atingem a quase todas as classes sociais?

Se fôssemos verdadeiramente independentes, estaríamos livres do analfabetismo, esta mancha que nos coloca numa situação humilhante diante das nações cultas do mundo.

Enquanto nos Estados Unidos, 95% das crianças em idade escolar estão matriculadas em algum estabelecimento de ensino, em nossa pátria não atingimos a 60%, contribuindo para este baixo índice os estados do Maranhão, Paraíba, Piauí e Alagoas.

Notem este quadro desolador: Para cada 1.000 alunos do curso primário, há no curso médio: Japão 850, EUA 357, Uruguai 262, URSS 216, Argentina 207, Brasil 178.

Esta estatística é de 20 anos atrás, hoje, 1982, as estatísticas nos apresentam uma situação bem mais alvissareira.

Prezados estudantes, patriotismo não é apenas cantar os hinos pátrios, ou marchar em datas cívicas, ou desfraldar o auriverde pendão que representa a pátria brasileira.

Patriotismo ou melhor civismo é dedicar-se ao estudo, desde que o estudo conquista o conhecimento, o conhecimento refina a mentalidade, motivando o progresso e a exaltação dos direitos humanos.

E o que dizer do trabalho?

O trabalho honesto em prol da comunidade é um dever cívico, e a nota propulsora do mais lídimo patriotismo. O trabalho conjugado de todos, seria o elemento mais eficiente, para a construção do progresso e para exterminar a fome, que ameaça tantas crianças inocentes em várias plagas do nosso torrão natal.

Administradores desta Instituição, professores que mourejamos com o mesmo ideal e estudantes privilegiados desta colmeia do saber, irmanados no mesmo propósito, sejamos constantes no estudo e no trabalho, desenvolvendo um espírito cívico e patriótico, para a construção de um país melhor para nossos descendentes.

Nota: Discurso feito com algumas variantes, no dia 7 de setembro de 1967 e 1982, no Instituto Adventista de Ensino.